

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do *Paiz*, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 36.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 13 DE OUTUBRO DE 1872.

Com este numero finalisa o terceiro trimestre do *Domingo*.

O redactor, projectando ampliar o do primeiro numero do segundo anno em diante, vai, para ajudar as despesas á que se expõe com semelhante resolução, enviar circulares á diversas pessoas desta capital e do interior, exigindo as suas assignaturas, sem o que não conseguira, sem duvida, levar ao cabo a sua empresa.

E' reconhecida a utilidade de um jornal critico e litterario; porem, para melhor desempenhar as prescripções do seu programma, não nos bastam as quatro laudas de que dispomos no *Domingo*.

Estamos convictos de que o publico maranhense, de reconhecido amor pela litteratura, acolha benevolentemente a nossa pretencção, e seja o Cirinen que nos ajude a cacarnihar-nos ao nosso Golgotha.

### NOTICIAS DA PACOTILHA.

Quem é que hoje lê o «*Domingo*»? Hoje! dia da festa do N. S. dos Remedios, a festa da moda,

### FOLHETIM DO DOMINGO.

O HOMEM DOS AMORES. OU O VELHO MASLIÇO DOS SEXTENTA ANNOS.

(Vem do n. 34.)

E o tal sujeito proseguia seu discurso, acompanhado de gestos, traçeitos, caratonhas, e não sei o que mais.

Olé!... exclamamos admirado; quem será este *plusteco*?

E approximando-nos de um amigo, que demorava a pequena distancia de nós, segredamos-lhe ao ouvido:

—Que personagem é aquelle que está sentado entre aquellas tres senhoras vestidas de branco?

—Aquelle é um táfal que já foi soldado, professor, agricultor... e hoje capitalista... que toma e dá a emprestimo o coração das moças.

—Mas qual o seu nome?

—F... mas o vulgo, ou os gaiatos e criticos da opo-

e que atrabe inteiro o publico para si? Quem é que deixa a grande missa do Miró, o leitão, as manobras do 5.º, os *bonds*, o pau de sebo (!), a porfia dos pescadores e o agradável passeio no poetico arraial, para entregar-se á leitura das «*Noticias da Pacotilha*»? Quem?...

Mas, entre tantos-homens philosophos, mysantropos e reservados que ha neste amavel Maranhão, é impossivel que nenhum seja assignante do «*Domingo*»; e como os reservados, mysantropos e philosophos não vão ás festas, é para elles que me dou ao trabalho de escrever.

A festa, que esteve pouco-concorrida até a 7ª novena, começou a animar-se e a apresentar varias... *bonds* postos. E' só isto que vale a honra de uma noticia: o mais é o que é, o que foi, e o que ha de sempre ser a festa dos Remedios.

Anachreonticas novenas, de anachreonticos musicos e musica; arraial, onde se mostram divertimentos anachreonticos.

As barracas, que muito se parecem com as do anno passado, lá estão.

Sabem o que é uma barraca, esse esqueleto de forquilhas, coberto de lençoes, que dá ao arraial o aspecto de um acampamento? Eu vos explico: vós, que passaes, apreciando um charuto e lendo os orthographicos disticos dos estabelecimentos *bellicos*, vós, que exautinaes apenas o exterior, e

cha, pelos seus mones e *offeminações*, alcunharão-no de M... on gato, em latim.

—Ah!... uma noite destas passadas, passeiando em certa rua, ouvimos pronunciar-se o nome deste heroe—que estava fazendo a uma senhora sua revellação de amor.

—É o homem mais *tolerão* que ha apparecido nesta terra... e diz possuir nas mãos a chave do coração das moças bonitas... e só...

É cynico como Diogenes; desfructavel como Ulysses. Ainda que se encha de presumpção de sabio, lhe recusarei ainda o título de idiota... e veja que não somos inimigos.

—Assomelha-se, diz o amigo, ao commendador Sanchinho, do romance de—Rosa.

—A mania deste homem, continja, é festejar as moças bonitas, offerecer-lhe flores; e diz que não quer ca-

# Mutilado

que sois incredulo e generoso, não lhe advinhaes sem duvida o interior.

Aquí, vêdes uma suja prateleira, munida de cerveja, sardinhas e cigarros; uma banca, um espelho, cadeiras, etc: entrae, admirae o espectáculo que se apresenta aos vossos olhos: a orgia, a embriaguez, o jogo, as inconveniencias que perdem a mocidade e que redicularisam a velhice!

Falliciosos do interior e do exterior das barraças; do posterior não vos fallo, porque a policia lá não vai, quanto mais eu! Que fosse, que fosse, e apresentar-se-lhe a seus olhos o quadro mais bello e mais edificante da mythologia.

Policia! Policia! velha descarada e antipathica, que já se não importa com todas as arguições que por ventura lhe possam fazer! Roubam, matam, furam e a policia dorme... dorme, e dorme!

Hoje ha pau de sêbo, porém, sendo, como é, divertimento mollecorio, deixo de dar noticia delle aos meus leitores. Sempre ha cada uma! Um pau de sêbo, onde tudo é flôres, perfumes, suspiros, etc: Um pap de sêbo! Pobre Maranhão! o que dão as tuas irmaãs, sabem! que ergue-se no arraaal em que se tem de erguer a estatua de Goncalves Dias, esse mastro sujo que os aldeões pícaros chamam o mãe de cocagne!

E os bonds? Ah! os bonds, os bonds!

Tem havido regularidade! Aos bonds rapasada, protejei-os, não desamparai os, e viva o apito do Mazuli!

O Sr. *Eloy o herôe*, no domingo vindouro, fallará mais largamente da festa.

Os Srs. Angelo Duarte de Oliveira e Candido Cruz foram victimas daquelles que deviam ser victimas da policia!

zar-se, porque o casamento é uma *computura*, obra dos homens, e que não influe nos destinos da creatura

— Que pateta!

— É um talirão; não liga duas palavras; e quando quer conquistar um coração de moça, vai copiar dos romances pedacinhos preciosos, que previamente os decora; e as estrellas, a lua e o sol figurão em todos seus estudados discursos.

— E assim mesmo, exclamamos nós admirado: ha familias que permittem em casa seu ingresso?

— Ora se ha!... e a prova é que está aqui... é condescendencia das familias!

— Apaixonou-se, — queres saber? — por aquella senhora, que ali está de vestido cinzento e cinto azul; e como ella não fizesse caso do pobre velho, e casasse com outro moço, deu logar a que o velho odiasse de morte ao ma-

Damos-lhes os pezames, porque não lhes podemos dar mais alguma cousa.

#### EXPEDIENTE.

A redacção agradece ao Revm. Sr. padre Raimundo Alves da Fonseca, a honrosa offerta que lhe fez de um exemplar do seu bem escripto *Ephome da Historia do Maranhão*.

Publicado para uso do collegio onde S. Revm. é muito digno professor, preenche o fim a que se propoz seu autor, isto é, dar algumas noções de historia patria aos seus discipulos.

O Domingos.

#### MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

À Antonioello.

Vem do n. 24.

VII

Marieta ainda não tinha lido os jornaes em que foram publicados os meus versos; — ignorava consequentemente o meu atrevimento.

No bilhar para onde nos linkamos dirigido, apenas salimos de casa, começamos a jogar... fui infeliz, perdendo tres garrafas de cerveja.

Desapontei a principio, *queimei-me* depois; fallavam as tacadas mais, os *hamburros* se succediam, a risota crescia de ponto, larguei o taco e refastolei-me n'um macio sophá, dando ao diabo um dia tão asiago para mim.

Creio até que já dormia, quando senti tocarem-me de leve sobre o hombro direito. Era o meu amigo Bertho.

— Infeliz no jogo, feliz no amor! — foram as suas unicas palavras, e como tivesse lido pouco tempo atraz um romance de Macedo, — *As mulhoves de mantilha*, em que se discute fortemente esta ma-

rido d'ella, ainda que este trate a velhacão com indifferença.

— Coitado!... exclamamos nós...

— Mas, meu amigo, ja parece velho!

— Oh!... não se diga isto!... quer ser um menino do trinco... de dezoito annos!...

— E qual será a idade delle?

— Disse-me o velho J... V..., que elle era menino de seu tempo; e que, segundo resava a certidão de baptismo, passada pelo vigario de..., tinha elle sessenta e sete annos.

— Safa!... é maniaço!... merece que as moças lhe deem penitencia de bolinhos...

— E'... já é tarde... amanhã lhe acrecentarei mais alguma coiza. «Au revoir.»

Celestino.

xima, essas mesmas palavras impressionaram-me alguma cousa.

Marieta, o unico ser que me occupava a imaginação, apresentou-se-me naquelle momento, radiante de belleza.

A' tarde, com o espirito mais socegado e observando as esfriaes descriptas pelo fumo de um cigarro pernambucano, eu postei-me á janella. Marieta, a não grande distancia de mim, tambem á janella, recebia nas coradas faces o beijo da viração da tarde.

Era a hora do crepusculo, a hora de poesia, o instante de amor dos anjos.

- O sol descamba no horizonte immenso,
- O mar extenso está fervendo além;
- Nas doces horas do cair da tarde,
- Morro covarde de paixão... por quem?

E os meus olhos encontravam-se frequentes vezes com os della, fixos em mim.

Na minha timidez, um riso de desconfiança era correspondido por um sorriso cheio de graça e de candura; uma phrase, embora banal, era motivo para uma loquacidade angelica, innocente mesmo.

Determinei então, pondo de parte a minha exaggerada ingenuidade, a declarar-me francamente.

E agradava-me de facto aquella grande idéa; pensava assim comigo:

«Hoje devo decidir de todas as minhas aspirações... hoje vou ser um felicissimo mortal. E' impossivel, ajuntava eu um pouco cheio de orgulho, que Marieta seja indifferente á voz sincera de meu coração... ella me deve acreditar... e eu hoje estou decidido, não torço, não demoro nem mais uma hora, hei de declarar-me, seja debaixo de que pretexto for...»

Effectivamente sahi de casa firme n'esta ultima resolução.

### VIII

—Bôa noite, minha senhora!

Um riso e um—*bôa-noite*, ao mesmo tempo, deram ainda mais animo ao meu espirito agitado. Calcule-se por aqui o resultado dos formaes cumprimentos.

Febre e delirios d'amor já eu começava a experimentar: o *fin* a que ia, conhecia-o eu perfeitamente, mas o *principio* era o que me faltava então.

Felizmente, por uma inspiração subita, perguntei-lhe:

—V. Exc., por acaso, na minha ausencia não reparou se me veio alguém procurar em casa?

Digo-te, amigo Tona, que foi uma inspiração subita, por duas razões: a primeira é que de facto esperava um amigo meu e da familia de Marieta; a segunda é que, conquanto a pergunta fosse a mais prosaica que é possivel, foi comtudo o meio melhor de pôr termo ao não pequeno silencio que ia começando a imperar.

Ella, porém, respondeu-me vivamente:

—Procuráram-n'o, é verdade...

—E quem, não m'o poderá dizer?...

—Porque não? O seu amigo Dias... Ficou de voltar, acho mais prudente que o Sr. entre e espere por elle conversando conosco.

—Oh! com todo o gosto, minha senhora.

Entrei, abandonando o lado exterior da janella, onde forão trocadas as poucas palavras que ahi ficam ditas.

O nosso dialogo, porém, recommençou na sala. Apenas pude fallar, desabafei sem demora, e tal era a temperatura de calor que me queimava a imaginação, que te não posso dizer ao certo, se me declarei poetica ou prosaicamente.

Asseguro-te que me ouviu silenciosa e não deixou escapar o menor gesto de alegria ou de dor.

Conheci a ampada no s... to angelico a impressão de minhas palavras, porquê (12) dirigiu os meus supplices olhares, e com o peito arrojante, voz tremula e gottejando suores frios pude concluir assim:

—Em resumo, minha senhora, eis a ultima imagem que pôde apresentar a minha existencia: proscripto do amor e consequentemente do mundo, tenho só duas veredas a trilhar, e á qualquer d'ellas que me queira impellir V. Exc. é inteiramente impossivel o retroceder;—seguido-as, ou hei de ter um futuro modesto, mas de paz e descanso; ou hei de por força naufragar em meio as borrascas que me ennegrecem o porvir; como é facil de prover, desejaria antes seguir a primeira... Diga-me, pois: poderei alimentar a dulcissima esperança de ser amado pela senhora?...

Ella continuou em silencio.

—Embora longe, distante algumas centenas de leguas, poderei ter o prazer de pensar que aqui deixei um coração que me adora?... Sim ou não?

—Não sei! respondeu ella tristemente, porém com dissimulada alegria, porque á esta *deixa* entráram na sala seu pae e mãe e o meo amigo assomava no peitoril da janella.

(Continua).

Lima Baratta.

# Mutilado

## BIBLIOGRAPHIA.

No ultimo numero lamentei que o autor d'—*A Folha*— de Arnault não conservasse o mesmo metro nos dois ultimos versos daquela poesia; relendo-a porem, reconheci que era original aquella conclusão e portanto desculpavel a differença do metro.

—*As duas amigas*—e—*A...*—, são ternas e melodiosas.

Aconselho ao autor da poesia—*Escuta*—, que mande pô-la em musica. Ha de produzir um bonito effeito aquelle

Vive ainda,

Vive ainda—qual naseu!

E' quase funebre a pagina 53.—*Morrer!*—é um composto de lagrimas e de saudades, de ais e de pressentimentos. Em compensação—*Os meus bons tempos*—, que se seguem, principiam assim:

Não,—chôre quem quizer! Lá p'ra lamúrias  
Não tenho e nunca tive o menor geito;  
Rir muito, e rir sómente, é meu proposito,  
Embôra alguem m'ô nóto por defeito.

—*Um outro quarto de hora de n.º*—*Alacem da nova de bands*—o Anselmo é tão apreciado deve ser.

A. M.—vulgaridade poetica.

Segue-se um—*Soneto*—,—*Vico ou sonho?*—e—*Desalento*—mimosos versos que merecem recommendação e uma menção especial de quem os analysa.

O autor recorda-se do seu berço e dos seus, e diz:

Correi, lagrimas tristes, despenhae-vos,  
Sulcae as minhas faces macilentas;  
D'entre as flôres da vida emmurchecidas,  
Regãe-me esta saudade!

Nada mais resta; nem a esperança ao menos  
D'aínda a patria amada vêr um dia,  
E sobre a campa dos irmãos finados  
Verte saudoso pranto!

Bem como o vértice, que arrebatá as folhas,  
Deixando triste e só despido o tronco,  
Deixáste, oh Pátria, supportando angustias  
A minha pobre mãe!

Quantas lagrimas de dor e de saudade  
Nesse aposento que entristece o luto,  
Não terás, em silencio, a sós vertido,  
Oh triste, infeliz mãe!

.....  
Meu Deus, quão triste é tudo. Nem um'ave  
Tem o pobre proscripto, que nas azas  
Um suspiro, uma baga do seu pranto  
Conduza aos patrios lares.  
.....

Segue-se um lindo—*Hymno*—, uma poesia dedicada a Raphael Croner,—*Recordações*—um—*Recitativo*—e um—*Soneto*, que diz esta grande verdade:

Não ha coisa mais triste neste mundo  
Do que—o vêr-se ali qualquer pedante  
Apregoando em voz alto-sonante  
Talento que não tem, vasto e profundo!

(Continúa).

A. Azevedo.

## Despedida:

A' MINHAS AMIGAS R. M. R. G.—e—A. A. R. G.

Adens, queridas amigas,  
perdi a minha alegria;  
traspassada— vou partir—  
de dôr, e melancolia.

Sem agravo, sem escandalo  
esta terra deixarei;  
as saudades são penhor  
do bem que por cá passei.

Ah! se eu pudessa, de certo  
que nunca d'aqui sahira,  
pois viver em vossa terra  
é quanto meu peito aspira.

Mas, não posso: vou partir  
p'r' aquelle santo lugar,  
donde—pela voz primeira—  
eu vi os astros brilhar.

Levo no peito a saudade,  
levo a dôr no coração!  
Adens, amigas queridas,  
que vos deixo em Maranhão!

DONA D. F. R.

## Soneto.

Adens, fôr dos meus sonhos, Pitorneira,  
—mulher que não suppoz materialista,  
—adeus,—tu que já foste uma conquista  
que fiz n'uma manhã de terça-feira.

Quando penso, mulher, na grande ascença  
que fiz em t'adorar, sem ter em vista  
o espaço tão grande que nos dista,  
visto a falta de luz nest' algebeira;

vontade tenho eu d'ir a teus pés,  
fazendo-to um discurso de mão-cheia,  
um perdão te pedir deste jaez:

—Perdão, se também quiz ir d'alcateia,  
exiges patacoes, contos de reis,  
e eu só tenho de meu pataca e meia...

A. A.

Maranhão—Typ. do PAIZ—Impressor M. F. V. Pires.